



RIO - SÃO PAULO

Vamos Lêr

RIO DE JANEIRO

30 DEZ 1943

Quer receber diariamente
o que no Brasil se escreve
na imprensa sobre deter-
— minado assunto? —

Basta tomar uma assina-
tura de recortes de jornais
— do LUX-JORNAL —



Dorival Caymmi falando a Armando Pacheco, o reporter.

A história desse baiano de talento que se chama Dorival Caymmi, tem qualquer semelhança com a história daquele compositor norte-americano — Steve não sei de que — cujas melodias eram extraídas e inspiradas em motivos, lendas e canções populares. Como aquele seu irmão de arte, lanque — cujo nome esqueci lamentavelmente — Dorival Caymmi vai buscar no seio do povo, de suas dores, alegrias, emoções e queixumes, os "leit-motivs" de suas peças musicais. Eis por que as canções do autor de "O mar" e de tantas outras consagradas melodias são sinfonias bizarras, compostas sobre temas afro-brasileiros, marítimos, tradicionais, regionais, folclóricos. Steve — não sei de que — o Caymmi dos EE. UU., fez dos dramas e dos cantos e relatos dos negros escravos do Mississippi, dos algodoeiros do sul do seu país, do velho e orgulhoso sul escravocrata, de Nova Orleans, da arrogante Georgia escravagista, enfim, das cantigas tristes ou brejeiras dos negros norte-americanos, ele fez canções

que ainda hoje se cantam e que servem de subsídios para os historiadores e sociólogos. E Dorival Caymmi, nascido, criado e bem ambientado na velha Baía do Senhor do Bonfim, de Todos os Santos e do pai de santo Jubiabá, a Baía, repositório do nosso folclore, relicário das nossas tradições imperecíveis, soube extrair daquela inesgotável fonte de pesquisas históricas um fabuloso material que, pela originalidade, pelo pitoresco e pela musicalidade, pela harmoniosa fluência e pela fidelidade no retratar das cenas e dos motivos populares, constitui o "alfa e ômega" de suas maravilhosas composições. Estudioso dos costumes e "usanças" legados pelos nossos colonizadores trazidos das costas d'África, dos quais a Baía, mais que os outros recantos do Brasil, recebeu e assimilou tudo ou quase tudo, Caymmi está divulgando, através de seus poemas musicais, muita coisa daqueles hábitos e motivos baianos que são, na maioria das vezes, uma legítima herança dos influxos africanos do período colonial. Dorival Caymmi realiza o mi-

lagre de, por intermédio de suas composições, trazer aos nossos olhos (milagre auditivo) alguns aspectos bem característicos da cidade do Salvador, com o seu "Mercado Modelo", com suas ladainhas seculares, com seus pescadores, seus cais repletos de saveiros que singram os mares traíçoelos em busca do ganhapão, com seus quitutes apimentados, com suas "baianas" autênticas, com suas vendedoras de vatapá, acarajé e abará, e com seus inesquecíveis e originalíssimos "pregões". Ouvindo Dorival Caymmi a gente empreende, como se fosse sobre um tapete mágico, uma maravilhosa viagem à Baía. Caymmi é antes de tudo um poeta. Poeta desde os versos aos motivos musicais. Não há quem não se entereça com suas melodias praianas. Com suas cantigas sobre criaturas rústicas da beira do cais da Baía. Aquelas figuras que Jorge Amado, o romancista dos poemas da Baía tão bem pintou em "Mar Morto". Como Jorge Amado, Dorival Caymmi tem ternura pelo mar e pelos assuntos marítimos. E em Caymmi a gente sente

Dorival Caymmi conta sua história e a história de suas canções

— "Meu sucesso é fruto de um fracasso", diz o cantor dos costumes e coisas da velha Baía de Todos os Santos e do Pai de Santo Jubiabá — "Que é que a baiana tem?", o samba que levou Carmen Miranda para os Estados Unidos — "Você já foi à Baía, nega, não? Então vai!" — Confidências

Reportagem de ARMANDO PACHECO

um tempo, pelo mar é estudada com um pouco de nostalgia. A nostalgia evocativa que nos é transmitida ou sugerida pelas canções "Abateú", "Itapúa", "É doce morrer no mar" e mesmo em "O mar". Nelas há um "que" de saudade e de simpatia pela sorte dos pobres diabos que vegetam nos areiaes das feiras do "Y" e de "Água de meninos", em suma, aqueles vagabundos líricos, talvez sonhadores (quem sabe?) que soluçam canções tristes e alegres nas docas da Baía. Caymmi trouxe para as suas melodias tudo de bom e de belo, que só ele com o talento ou sabe colher naquele fabuloso manancial de motivos bizarros e pitorescos que é a terra do vatapé. De fato, o moço Caymmi tem recolhido bastante material das fontes populares e folclóricas, mas, é necessário esclarecer, quando ele se serve desses subsídios, costuma, honestamente, declarar as raízes de onde extraiu suas composições e também o faz sem deturpar os temas e as músicas. Eis porque ele é o mais talentoso e o mais honesto dos nossos musicistas. Há, ainda, isto a salientar, mesmo inspirando-se em assuntos e materiais conhecidos nos estudos, Caymmi não se limita apenas a explorar o "veio", a aproveitar-se do "jolo", longe de fazer mero trabalho de decalque musical, ao invés de plagiar (como a maioria), de fazer "arranjos", ele, sem se despersonalizar, apresenta-nos coisas inteiramente originais. Caymmi (também ao contrário dos "fazedores" de música, intérpretes etc.) sabe o que faz e o que vale. Autor, cantor, criador, intérprete, ele não é desses "astros" radiofônicos que mal sabem assinar o nome. Filho de uma tradicional família baiana, o autor de "Você já foi à Baía?" pôde estudar, educar-se, para não decepcionar o sempre crescido número de ouvintes, para saber conversar, melhor interpretá-la a vida de suas canções, e explicar ao público tudo, tim-tim-por-tim-tim. Basta dizer que seu sucesso começou de 1938 para cá, e que até então vivia consagrado aos estudos. Ele pôde realizar entre nós, essa coisa rara, fazer conferências sobre as autênticas músicas populares, ilustradas e coloridas com suas canções.

DORIVAL CAYMMI EM SÃO PAULO

Creio ter falado demais (sem dizer nada, é claro) no "nariz de cera" desta reportagem. Caymmi já é um nome nacional e internacional. O autor e intérprete de "Que é que a balana tem?", ao contrário dos nossos "fazedores" de músicas inexpressivas sabe onde tem o nariz e vai buscar material para canções nos motivos afro-baianos, extraíndo melodias impercíveis. Como Castro Alves, seu irmão, no dizer de Jorge Amado, o moço Caymmi soube sentir o drama da raça que cruzou os oceanos, acorrendo ao porão dos navios negreiros. Não há exageros em dizer que as composições do moço Caymmi tem sentido social. Evitemos comentários. Ouçamos suas músicas, "O mar" é a velha história, o drama eterno dos pescadores nordestinos. Tudo de autoria de Dorival Caymmi é bom e tende a ficar. Mas, mudemos de assunto. Não vou roubar tempo "discutindo" um assunto que pertence aos entendidos como o mestre Mário de Andrade. Quero apenas chegar ao ponto principal — a entrevista com o moço Caymmi. Primeiro encontrei-o na Rádio Tupi, em companhia de Demerval Costa Lima que, seja dito de passagem, com sua inteligência, com seu dinamismo e sua longa e incomparável experiência de rádio, está dando grandes impulsos àquela importantíssima estação radiofônica bandeirante. Depois a entrevista prosseguiu na "Campo Belo", ou melhor, foi interrompida ali pelos constantes pedidos de fotografias autografadas. Esta "interview" teve vários cená-

rios: a Rádio Tupi, um salão de bilhar, a casa do Belmonte, o apartamento Caymmi-cantou Roy Nash e outros americanos notáveis, o apartamento de Jean Sablon, no "Espanada"; meu quarto de hotel, novamente a Rádio Tupi e, finalmente, foi terminar no Cassino de Guarujá, após três números de sucesso do nosso herói. Esqueci de dizer que a redação do DEIP serviu também de cenário. Como se vê, aqui está uma reportagem feita aos pedaços, aos retalhos. Por isso não pode ser grande coisa. Seu único mérito é talvez minha grande dose de paciência para obtê-la. Acompanhei o moço Caymmi em todos os seus passeios na Paulicéia. Estivemos em casa do Belmonte, e lá estava, com o escritor Ianque, Roy Nash, outros cidadãos lanques, e um deles, apesar de não saber "niquel" de português, sentiu ou fingiu sentir a música de Caymmi, mostrando-se tão entusiasmado que, "perdendo as estribelhas", "cantou" e "requebrou" no meio do salão, à moda Carmen Miranda. Da residência do "pai" de "Juca Pato" fomos para o apartamento de Jean Sablon, no "Hotel Espanada". O criador de "Vous que passez sans même me dire bon soir" queria ensaiar o mais recente samba de Caymmi, "Vestido de bolero", para estré-lo no Cassino Copacabana e, enquanto ensalava, lá nos oferecendo "John Haig". Pedimos que Sablon cantasse alguma coisa do seu famoso repertório e com as suas canções e com as do moço Caymmi o "whisky" decia solenemente, maravilhosamente. Do apartamento de Jean Sablon pegamos um automóvel e rumamos diretamente para o "grill" do Cassino de Guarujá. Foi, pois, nos intervalos dessas fugidas de reuniões em casas de milionários, dos seus programas de "broadcasting" e de inúmeros outros espetáculos extra que Dorival Caymmi me disse mais ou menos o seguinte:

— Muita gente costuma dizer que eu comecei com o pé direito. Mas o certo é que para acertar o pé direito, lutei bastante. Meu sucesso nasceu de um fracasso. Sim, senhor, não se espante. Meus velhos, como todos sabem, tem alguma coisa, de modo que eu pude estudar e viver durante muito tempo de papo p'ro ar. Vivi na Baía um tempo enorme com o violão acima e abaixo atrás de motivos para improvisar sambas. Sempre tive paixão pelo mar e a vida ruda dos pescadores sempre me entreceneu. Daí minhas inspiradas melodias sobre os homens do mar. Mas, tudo cansa nesta vida e eu já estava cansado de viver tocando violão

em companhia dos vagabundos do cais da velha São Salvador, e resolvi tentar a sorte no Rio. Além de saber tocar violão, cantar, compor e improvisar, eu sei desenhar, ou melhor pensava que sabia desenhar. Pensando ser desenhista, eu, com 500 cruzeiros no bolso, comprei uma passagem de terceira classe no "Itapé" e embarquei para a Cidade Maravilhosa no dia 1 de março de 1938, trazendo comigo uma empregada doméstica para uma família residente em Botafogo. A bordo da terceira do "Itapé", chupando laranjas, sem gravata, no meio de outros nordestinos aventureiros, entre a Baía e o cabo cheia de sonhos. No dia 4 de abril de 38, às 19 horas desembarquei no armazém 13, no Rio, trazendo como única bagagem meu violão de estimação. Depois de levar a empregada a Botafogo, aos seus donos, fui residir numa pensão fúnebre da rua S. José, tendo como companheiros de quarto dois boêmios fracassados, um deles hoje é cobrador de ônibus. Do meu quarto pobre e solitário ouvi o tirotole do assalto integralista ao Palácio Guanabara. Pois bem, agora chegou a vez de dizer-lhe por que meu sucesso é fruto de um fracasso. Eu vinha com intuito de ser intérprete e quis obter um lugar de desenhista na revista "O Cruzeiro". Lá, depois de exatidões muitos trabalhos "pictóricos", me convenceram que eu não dava no couro. Eu havia, portanto, fracassado como desenhista. Passei dias curtindo minha dor, meu desamparamento. E enquanto isso meu dinheiro acabava. Procurei outros meios, outros ofícios, outras profissões. Lutei, sofri o diabo. Um dia, li um anúncio pedindo um rapaz para servir de copeiro de restaurante. O ordenado não era grande coisa mas dava direito à comida. Não tive dúvidas. Apresentei-me. Havia centenas de candidatos e fui preterido devido ao meu aspecto de ser intérprete e não de copeiro, triste e decepcionado. Minha dor, então, era a antiga praia das Virtudes e eu ia pra lá todas as tardes, de calção barato e com um palitão de pijama furado nas costas, praticar natação com os "virtuosos" da praia que desapareceu para dar lugar ao aeroporto e ao novo edifício da Escola Naval. Todavia, nunca perdi a coragem, e certa vez, tendo tocado para Teófilo de Barros, fui levado por ele, para a Rádio Tupi, onde estreei no dia de São João, cantando o samba de minha autoria. Lá a negra gravou comigo em disco. Trabalhei um tempo na Rádio Tupi para a Transmissora da praia e do Nacional, por intermédio de Almirante que me cavou um contrato de seis meses. Nesse interim, lancei com enorme sucesso "Que é que a balana tem?", samba que fez época e que ainda hoje Carmen Miranda canta para enlevo dos norte-americanos. Depois as coisas melhoraram. Não nego que fiz muita besteira no meu período de cantor do Rádio Club da Baía. Mas foi lá também que eu compus coisas boas como "Noite de temporal" e "Rainha do mar", que não lograram agradar aos meus conterrâneos. Convm dizer que somente um padre me aplaudiu e me animou a prosseguir explorando o gênero, pois, os baianos e meus parentes não acreditavam que eu pudesse vencer auxiliado pelas minhas canções. Confesso que nem eu mesmo tinha fé. Entretanto, jamais deixei de fazer composições musicais. Meu velho amigo, José Rodrigo de Oliveira, Zezinho, em casa de quem eu veraneava em Itapúa, me estimulou bastante. Graças ao seu incentivo criei a canção do Itapúa (pedra que geme ou que chora). Com Zezinho que me acompanhava tocando cavaquinho realizei algumas pesquisas folclóricas pelo litoral baiano. Ele é testemunha da minha luta.